

ARTIGO

Produzir para consumir e existências zumbis : críticas contemporâneas e reflexões sobre um projeto político fundado na compreensão de Paul Goodman sobre o aqui, agora e no que virá.

Produce and to consume stocks zombies : contemporary criticisms and reflections on a political project founded on understanding Paul Goodman on the here, now and what will come.

Marcelo Silva de Souza Ribeiro

RESUMO

Compreendendo a Abordagem Gestáltica a partir de uma dimensão política e antropológica, o artigo tem como objetivo discutir uma das marcas da contemporaneidade, que é o processo neurótico “produzir para consumir” e sua consequente identificação com a estética zumbis. Partindo de reflexões sobre os significados da estética zumbi, assume-se o legado de Goodman, sobretudo sua compreensão política da Gestalt e sua crítica à contemporaneidade. Como caminho de análise e discussão são tomadas as ideias base de Erik Hobsbawm (1995), Zygmunt Bauman (1997, 2001, 2004 e 2005) e Slavoj Zizek (2012), que apontam para avanços na capacidade humana de destruição e morte, apesar dos anúncios de uma vida mais abençoada. É discutido também a metáfora de um “mundo líquido” (Zygmunt Bauman (1997, 2001, 2004 e 2005), em que a superficialidade e a descartabilidade de tudo impregna nosso modo de viver e nos constitui nessa liquidez. Por fim, é apresentada a ideia de que vivemos o luto por causa da crise ecológica, das consequências da revolução biogenética, dos desequilíbrios do próprio sistema e do crescimento explosivo via as divisões e exclusões sociais. Conclui-se que a humanidade vive um colapso em termos de sistema, sendo sintetizada por uma “estética zumbi”. Entretanto, parece haver ainda possibilidade de superação à medida que o humano reconheça, encare e assuma o aqui e agora, mas sem perder de vista que sempre há o que virá/virar.

Palavras-chaves: Gestalt-Terapia; Política; Contemporaneidade; Estética Zumbi.

ABSTRACT

Understanding Gestalt Approach from a political and anthropological dimension, the article aims to discuss one of the hallmarks of contemporary, which is the neurotic process "produce to consume" and his subsequent identification with the aesthetic zombies. Based on reflections on the meanings of zombie aesthetic, it assumes the Goodman legacy, especially his political understanding of Gestalt and its critique of contemporary society. As a way of analyzing and discussing the ideas are taken based Erik Hobsbawm (1995), Zygmunt Bauman (1997, 2001, 2004 and 2005) and Slavoj Zizek (2012), pointing to advances in human capacity for destruction and death, despite announcements of a more blessed life. Also discussed is the metaphor of a "liquid world" (Zygmunt Bauman (1997, 2001, 2004 and 2005), where the superficiality and disposability of all pervading our way of life and this is the liquidity. Lastly, is presented idea that we live mourning because of the ecological crisis, the consequences of the biogenetic revolution, imbalances of the system itself and the explosive growth via social divisions and exclusions. Conclusion is that humanity is experiencing a collapse in terms of system being synthesized by a "zombie aesthetic." However, there seems to be still a possibility of overcoming as the human recognize, face and take here and now, but without losing sight that there is always what will come / turn.

Keywords : Gestalt Therapy; Policy; Contemporaneity; Zombie aesthetics.

Apresentando uma Gestalt crítica

A Gestalt-terapia é uma abordagem¹ de potência polissêmica e isso significa dizer que inspira diversas áreas do conhecimento e campos da prática. Entretanto, mesmo guardando essa potência não significa que tenha atualizado sua polissemia. Um exemplo dessa potência não atualizada tem a ver com a área e o campo da Ciência Política, da Antropologia e da Psicologia Social.

Já no seu nascedouro, no livro *Gestalt Therapy: Excitement and Growth in the Human Personality*, escrito por Perls, Hefferline e Goodman, em 1951, e no seio do movimento da contracultura, na década de 60, a Abordagem legou bases para uma psicologia sistêmica, holística e que pudesse dialogar com as diversas áreas do conhecimento, além de explicitar fundamentos de uma antropologia e política gestálticas. Porém, de lá para cá, não parecem ser expressivos, pelo menos em quantidade, as contribuições nestas áreas. Isto não quer dizer, obviamente, que não haja importantes produções nessa direção. Assim, só para se ter uma ideia, em 1995, Vinacour (1995) apresentou um trabalho intitulado *Nuevos Aportes al Enfoque Gestaltico: Su Insercion en el Present y su Proyeccion Futura*, no VI Congresso Internacional de Gestalt, onde apontava a Gestalt como uma abordagem crítica à contemporaneidade em termos sociais e culturais. Além deste é possível ainda fazer referência a outros, como a recém obra brasileira, “Clínicas Gestálticas : sentido ético, político e antropológico da teoria do self”, por Müller-Granzotto e Müller Granzotto (2012).

O presente texto, portanto, não almeja suprir lacunas no desenvolvimento prático e teórico da Gestalt-Terapia, sobretudo no que diz respeito à política, mas simplesmente apontar, como pano de fundo, a necessidade da Abordagem em não negligenciar sua potência, uma vez que, se a Gestalt não tem tudo a dizer sobre os chamamentos da contemporaneidade, o que tem a dizer e a apontar talvez sejam importantes. Assim, diante das indubitáveis ameaças vividas pela humanidade no mundo contemporâneo, a inspiração da teoria paradoxal da mudança, de que a possibilidade de superação (super-ação) reside na necessidade do humano assumir sua existencialidade e só assim apostar em um novo, tem toda relação com a Gestalt e, especificamente, com o que Goodman já apontava em um “aqui, agora e no que virá”. Nas palavras do seu biógrafo:

“Para Goodman era el aquí, el ahora y lo que viene. El mundo no dependía de que él lo percibiera; más allá del horizonte existían otras vidas esperando que él lo percibiera: “Fe es tener un mundo-para-mí. Que mi experiencia sea dada. Que continúe siéndome dada: Lo Que Viene no es el borde del precipicio. Su estructura tiene consecuencias que aclaren el significado. Por fe no estoy enjaulado en mi experiencia finita; ésta tiene un horizonte en lugar de barrotes; por eso hablo de ella como ‘bastante espaciosa’” (STOEHR, 199, p. 234).

¹ Ao longo do texto serão usados, como tendo o mesmo sentido, a designação a Abordagem Gestáltica, Gestalt e Gestalt-terapia.

A Abordagem Gestáltica, pelo menos para a visada de Goodman, possibilita uma aposta, assume uma utopia, ou seja, para as ações desencadeadas há uma intenção, há uma política e que esta começa pelo dar-se conta do/no momento, pelo desvelar o presente vivendo-o. A Gestalt, como fundamentada em base fenomenológica, assume que a dinâmica ou o movimento da existência não se daria pela negação, como concebida pela perspectiva dialética. Ao contrário, o movimento da existência se dá pela afirmação do vivido, em outros termos, é assumindo o aqui e agora, vivendo-o, que se vira, que se muda, que chega o que virá.

Se a contemporaneidade apresenta seus dilemas, estes necessitam de um posicionamento específico, sem a fuga e sem a negação. Via a afirmação é possível ao homem, pelo menos enquanto mensagem política da Gestalt, criar novas possibilidades de existências. Assim, caso seja viável apontar um desses dilemas, a humanidade vive a tragédia anunciada, que é uma marca dos nossos tempos, ou seja, o ciclo perverso da produção-consumo enquanto processo neurótico e que tem, por sua vez, forjado subjetividades e provocado identificações com a estética zumbi. Não obstante, a contemporaneidade não se resume, obviamente, a esta característica, mas é a partir dela que propomos discorrer, buscando compreensões gestálticas para pensar suas consequências e possibilidades de ajustamentos criativos.

Assim, neste texto, embora em alguns momentos se assuma a pessoalidade de quem vive intensamente os impactos da contemporaneidade, não está centrado em uma perspectiva egoíca. E foi com essa carga de energia, que o autor viveu um sonho portando uma mensagem óbvia, mas ao mesmo tempo iluminando algumas ideias. O sonho trazia a mensagem de que não vivemos propriamente um sistema democrático no sentido *lato sensu*, ou mesmo capitalista, na maneira clássica de se apreender esse sistema. Vivemos, e era o que eu/sonho trazia, um consumismo via o par produção-consumo. Este modo de estar no mundo, que ultrapassa o ato de comprar e vender, que detalha e aprofunda o sistema capitalista, mas que se distancia do modo de consumir convencional da modernidade traz repercussões que foram anunciadas, possivelmente a partir de Max Weber, quando este intuiu que o mundo do mercado e o homem do mercado se tornariam o tipo ideal da sociedade.

A ideia de consumismo aqui exposta, embora óbvia ou mesmo reducionista, tem a ver com um certo modo de funcionamento humano, das pessoas entre si e na relação com o mundo, mas também com os sistemas que criamos e que por eles nos reinventamos. A tese, portanto, é que a hipertrofia da lógica do mercado tem gerado um ciclo perverso de produzir para consumir e consumir para produzir e que, além de retroalimentar uma neurose em massa, põe em risco a própria sustentabilidade da vida no planeta. É ainda possível observar que todo o sistema capitalista tem se alicerçado nessa lógica, porém vem sendo incrementado pelas novas tecnologias da informação, que proporcionam dinamismos cada vez mais velozes ao próprio ciclo perverso, o que termina por entorpecer a vida.

Alguém já parou para pensar o que realmente fez após um dia frenético de trabalho e de atividades? Geralmente se tem a sensação de que nada fez. Ou então, alguém já pensou o que fica depois de uma volúpia de consumo, após comprar um monte de coisas? Geralmente uma sensação de vazio e uma vontade renovada de comprar mais (os obsessivos sabem muito bem disso). Ou alguém já refletiu sobre o que

realmente é necessário para se viver? Bem, nosso ritmo de vida, nossa ansiedade, nosso projeto de vida, nosso modo de se relacionar com os outros e com o mundo é atravessado pela voracidade veloz que, em linguagem metafórica, seria o que sustentamos aqui como a mensagem que a estética zumbi vem a transmitir.

Discutindo a estética zumbi e suas expressividades contemporâneas

Na cultura popular, oriunda da cinematografia, o zumbi seria uma criatura morta, porém reanimada, que vive perambulando instintivamente (OSWALD, 2009). Do ponto de vista antropológico, o legado zumbi tem um dos seus contornos nas tradições culturais religiosas no vodu haitiano. Nessas tradições, a pessoa entraria em processo de transe a partir de manipulações de um feiticeiro e sua alma ficaria sobre o controle deste ou delegada para outrem.

Na ciência, o termo aparece como tentativa de compreender determinados estados psicológicos. Assim, Ronald Laing utiliza o termo “zumbificação” para caracterizar um estado inicial da esquizofrenia. David Chalmers (1996), discutindo a relação entre pensamento consciente e mundo físico, utiliza o termo zumbi para caracterizar a pessoa, pelo menos em termos figurativo, que não possui consciência de suas ações, mas que funciona como um ser normal.

Voltando a cultura cinematográfica, um dos grandes clássicos do chamado subgênero zumbi, é o filme de George Romero, *A Noite dos Mortos-Vivos* (1968). O enredo é básico e se traduz nas cenas onde os mortos ganham “vida”, mas devoram ou contaminam as pessoas. De modo geral, a composição dos filmes sobre zumbis aborda a ideia de um mundo apocalítico, onde uma geração tenta suplantar a outra ou que, para manter-se vivo há a necessidade de se consumir vidas.

Para Corso (2014), em uma visão psicanalítica, os filmes que abordam a estética zumbi trazem à tona representações da morte, da carne apodrecida e da decadência, que teriam sido banidas da consciência contemporânea ascéptica. Estes elementos inconscientes passam a ser revelados nas telas dos cinemas, marcando os núcleos dramáticos e possibilitando a identificação do público com o sub-gênero.

Uma importante questão a ser discutida é que, mesmo considerando os altos investimentos cinematográficos, há um fascínio, por assim dizer, de extenso público, chegando a manifestações do tipo *flahs mob*, onde grande número de pessoas sai pelas ruas travestidas de zumbis. Este fascínio, portanto, pode indicar que a estética zumbi provoca identificações e projeções, ou seja, parece dizer algo de significativo às pessoas, sobretudo no modo como elas vivem na contemporaneidade.

Entendemos que a experiência de assistir filmes proporciona uma vivência, ao menos no nível da fantasia, onde haveria a possibilidade de estabelecer contatos com os elementos dramáticos. Filmes que expressam a estética zumbi permitiriam, portanto, a vivência, não consciente muitas vezes, de sínteses do ciclo de contato (RIBEIRO, 1997), de modo que a pessoa vive, bizarramente, por exemplo, suas projeções, introjeções, proflexões e retroflexões². A estética zumbi parece proporcionar um mal estar e, ao mesmo tempo, um alívio, justamente por desvelar o que se nega e também o que se vive na contemporaneidade.

Sobre esta estética, e sem alongar nessa possível digressão, os zumbis representariam justamente a morte em vida, onde seres, para manterem-se vivos, apesar de mortos, precisam comer o que está vivo. Esse entorpecimento, ou essa morte apesar de vida, precisa consumir, mas sem nunca recuperar a vida. Eis aí a ideia do ciclo perverso, ou uma caminhada para a sociedade de zumbis. Tudo isso, por fim, teria algo a dizer sobre a contemporaneidade.

Compreendendo algumas marcas da contemporaneidade

Sem pormenorizar essa discussão (que, para nós, tem suas raízes no modo capitalista e que, para entendê-lo com propriedade, seria necessário um mergulho nas gêneses e desdobramentos sobre o capitalismo), o que fugiria aos interesses primários deste texto, apenas gostaríamos de salientar que o consumismo se hipertrofiou, integrado à neoglobalização, e se intersubjetivou. Uma característica interessante dessa hipertrofia é que a relação produção-consumo não se restringe à compra de produtos concretos, mas ao modo de funcionamento das pessoas que passam a se ver e se relacionar como produtos e via o consumo. Consumimos informação e produzimos para consumir, consumismo lazer e produzimos para consumir, consumimos saúde e produzimos para consumir, consumismo gente e produzimos para consumir... Isto, por sua vez, tem consequências diversas, mas ao mesmo tempo se apresenta como um rizoma, ao estilo da imagem apresentada por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2000), de que não há uma ponta do novelo como origem ou um centro único onde tudo converge. Então o consumismo irradia e é irradiado pelo capitalismo e por todas as outras suas consequências e origens.

Tomando a questão do consumismo ou do par produção-consumo, mesmo sem problematizá-lo o suficiente e assumindo como um dos pontos territoriais do rizoma, para entender a contemporaneidade, poderíamos ter uma rápida noção do que vem acontecendo com as nossas vidas e com o mundo. E esta noção, ou noções, não seriam de todo agradáveis ou entusiasmantes. Sem querer estender, gostaríamos de trazer contribuições de três importantes autores que fazem reflexões profundas

² Ribeiro (1997), em seu livro "O ciclo de contato - Temas básicos em abordagem gestáltica", apresenta o ciclo de contato com os seus respectivos bloqueios e fatores de cura. Quando, portanto, nos referimos a "sínteses do ciclo de contato", estamos compreendendo que os bloqueios e os possíveis fatores de cura podem se dar de maneira integrada. No nosso exemplo, recorremos a compreensão de Ribeiro (1997), onde citamos: a projeção, "processo pelo qual a pessoa, tendo dificuldade de identificar o que é seu, atribui aos outros..." (p. 46 – 47); introjeção, "processo pelo qual obedeço e aceito opiniões arbitrárias, normas, valores..." (p.46); proflexão, "processo pelo qual a pessoa deseja que os outros sejam como ela deseja que eles sejam..." (p. 47); e retroflexão, "processo pelo qual a pessoa deseja ser como os outros desejam que ela seja, ou deseja que como eles próprios são..." (p. 47).

sobre a contemporaneidade, cada qual elegendo seus objetos de reflexões e tendo suas matrizes específicas.

Erik Hobsbawm (1995), um dos grandes pensadores críticos da atualidade, perspectivou a história da modernidade à contemporaneidade e constatou que avançamos na capacidade de destruição e morte, apesar dos anúncios de uma vida mais abençoada. De modo complementar, porém diferente, Zygmunt Bauman (1997, 2001, 2004 e 2005) desvela que vivemos em mundo líquido, onde a superficialidade e a descartabilidade de tudo impregna nosso modo de viver e nos constitui nessa liquidez. Por fim, há a impactante obra de Slavoj Žižek (2012), “Vivendo no fim dos tempos”. Neste livro o autor trabalha com a imagem dos quatro cavaleiros do apocalipse representados pela crise ecológica, pelas consequências da revolução biogenética, pelos desequilíbrios do próprio sistema (problemas de propriedade intelectual, a luta vindoura por matérias-primas, comida e água) e pelo crescimento explosivo de divisões e exclusões sociais. A partir do modelo elaborado por Elisabeth Kübler-Ross (1996), Žižek analisa as fases do luto vivido pela humanidade, onde apresenta a “negação”, que seriam os modos predominantes de obscurecimento ideológico; a “raiva”, sendo os violentos protestos contra o sistema global; a “barganha”, que seria a crítica da economia política; a “depressão”, que seria o impacto do colapso vindouro, principalmente em seus aspectos menos conhecidos, como o surgimento de novas formas de patologia subjetiva; e, por fim, a “aceitação”, que seriam os sinais do surgimento da subjetividade emancipatória.

O que os três autores trazem em comum é a ideia de que vivemos um colapso em termos de sistema, ou melhor, em termos do modo como a humanidade vem se relacionando entre si e com o planeta, sobretudo no que diz respeito aos paradigmas que norteiam as compreensões de mundo e aos meios de produção. Esse colapso ou esse abismo iminente não deixam de apontar que nem tudo está perdido. A superação reside justamente na possibilidade de não estar preso nas fatalidades e apostar na profundidade do aqui, do agora, do que virá e do que virar.

Embora os autores não façam referência a estética zumbi como expressão metafórica dessas marcas da contemporaneidade, assumimos aqui essa articulação justamente por compreendermos que a potencialização da capacidade de destruição e morte, que a descartabilidade do viver e a iminência do mundo apocalíptico, sintetizam projeções e identificações que se expressam na estética zumbi. Nos parece válido, portanto, analisar, em termos gestálticos, o que essa estética zumbi tem a nos dizer, pelo menos enquanto expressão da vivência humana.

A Gestalt social e a estética zumbi: política do ajustamento criativo?

Assim, a fatalidade mesmo seria acreditar nos fatos. E por mais que os fatos mostrem o colapso que vivemos não podemos perder de vista a “fé na vida, a fé no homem e a fé no que virá” (Gonzaguinha). De modo que, procurando ser um realista otimista, ou nas palavras de Goodman, um utópico pragmático, para tomada da autonomia e da responsabilidade pela vida é necessário reconhecer, encarar e assumir o aqui e agora, mas sem perder de vista que sempre há o que virá/virar.

Assim, o imprevisível mundo do que vem, representa estar no presente vital

(STOEHR, 1994). Para Gestalt, este seria um importante experimento na e para contemporaneidade, ou seja, insistir no dar-se conta, no sentido de contemplação heideggeriana, mas um dar-se conta que se reconheça em curso, em trans-curso.

Este dar-se conta que considera o trans-curso, não traz alentos para refrescar a angústia, ao contrário, a exige. Muitas vezes o par produção-consumo para se apoiar em uma fuga de contato, sobretudo em relação à dor, ao vazio e a angústia. Nesse sentido e tomando os devidos cuidados para não cair em um ascetismo, não se pode perder de vista que toda dor verdadeira e inexorável purifica e renova, assim como a angústia aguça o sentido. Por outro lado, não se pode confundir a entrega com a desesperança, ou seja, a incapacidade de esperar que, no sentido dado por Paulo Freire (1981; 1987) seria a ação que deseja, a ação na relação consigo mesmo e com o outro que aposta em um virá/virar transformador, radiante, renovado e recuperado. E este esperar implica riscos ou como diria Alain Badiou (2009), para quem mais vale correr o risco e engajar-se num “evento verdade”, mesmo que essa fidelidade termine em catástrofe, vale mais do que vegetar na sobrevivência hedonista-utilitária.

E a propósito da questão utilitária é importante ainda discorrer um pouco sobre a relação existente entre o pragmatismo (utilitarista) e o consumismo, ou do par produção-consumo. A dimensão utilitária ou o efeito pragmático é importante para vida, não se questiona essa relevância. O problema é quando essa dimensão passa a se constituir pelo viés da produção-consumo. E aí se adentra no problema da ética. De outro modo, o problema não é que falte ética na contemporaneidade, o problema é que a ética está reduzida ao seu aspecto pragmático e utilitarista, onde o fim justifica o meio. Portanto, o que interessa é chegar, é vencer, é ganhar, é conquistar, sem importar no como se chega. E, ao chegar lá, realiza-se o poder, o poder produzir para consumir para produzir... Sem dúvidas esse ciclo perverso tem um gozo, que gera prazer e é hedônico. A sobrevivência hedonista-utilitária, portanto, é uma forma zumbi de existência. E enquanto uns implodem nas síndromes de pânico, outros se carbonizam pela síndrome de *burnout* e todos vão vivendo a neurose coletiva da vida produção-consumo. É importante, porém, lembrar que toda neurose é uma defesa ao sofrimento (PERLS; HEFFERLINE e GOODMAN, 1997), ou melhor, é ainda uma expressão criativa, um ajustamento criativo à medida que busca uma expressão, mesmo que de maneira neurótica.

Compreendendo esse movimento das neuroses contemporâneas, como um momento da existência humana, é possível saber dar vazão ao fechamento necessário de seu ciclo, possibilitando que a vida cumpra seu destino e chegue até a morte, pois como nos faz lembrar Heidegger (2005), a vida é para morte. Este pensamento, entretanto, pode parecer estranho se não houver o entendimento de que a morte aí tem o significado de possibilidade de recomeço, de eterno retorno, de vida renovada que renasce, pois como nos faz lembrar Guimarães Rosa (1984), a vida quer da gente coragem, quer sempre mais vida. O ciclo perverso é, portanto, uma insistência, uma fuga ao sofrimento, uma interrupção de contato que impede a vida de se concluir e, conseqüentemente, a empobrece, desvitalizando homens e mulheres, transformando-os em zumbis. Na literatura dos zumbis não há volta para eles. O melhor que se pode fazer é proporcionar o descanso eterno.

Considerações esperançosas

Sem negar a existência, mas afirmando a possibilidade do que virá, a existência vai virar, vai dar sua virada, à medida que deixarmos, com coragem, alegria serena e profundidade, sucumbir a própria lógica do produzir-consumir. Para tanto, uma parte de nós mesmos estará sucumbindo e novas sementes serão disseminadas na terra. Esta questão, finalmente, é que tem tomado grande atenção de muitos, ou seja, após detectar as crises que a humanidade vem passando, seus colapsos e iminência de abismos, como fazer e o que fazer?

A partir da compreensão da teoria paradoxal da mudança, a transformação se dá via a aceitação. É aceitando o que se é e sendo, que se vive o que virá. Segundo Gallefi (2001) o ser sendo é, ontologicamente, a vivência do presente, é a entrega no fluxo contínuo e que, sem busca intencional, conduz a superação (super-ação). Nesse sentido, a Gestalt, como abordagem fenomenológica, compreende que a super-ação não se dá negando o que se é, mas tragicamente na perspectiva *nietzschiana*, onde a afirmação do vivido é levada a sua potência, desdobrando-se em outros possíveis.

É plausível apreender uma visada política da Abordagem Gestáltica, sobretudo a partir do legado *goodmaniano*, de que devemos ser prudentes em relação a superação das tensões, dos conflitos e mesmo dos desafios contemporâneos via as negações. Em seus termos, Goodman insiste em apostar com profundidade no aqui, no agora, no que virá e no que virar. Se a estética zumbi, portanto, tem a dizer sobre o modo como nós vivemos (ou deixamos de viver), não seria pela sua negação, pelo combate direto, que faríamos o enfrentamento político. Ao contrário, é na compreensão e “assumição” da própria expressividade zumbi, que vai compor-se um projeto político contemporâneo.

Finalmente, não há receitas prontas, ao contrário disso, parece não haver saída fácil e menos ainda a curto prazo. E se estamos em um processo neurótico de massa, o que se pode fazer é avançar lentamente, possibilitando vazões criativas, explorando cuidadosamente aquilo mesmo que tendemos evitar. Em terras de zumbis, buscamos resistir com coragem e alegria, fazemos pequenas revoluções no aqui e agora e apostamos no virá/virar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADIOU Alain. **São Paulo : a fundação do universalismo**. São Paulo : Boitempo, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Amor líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CHALMERS, David J. **The Conscious Mind: In Search of a Fundamental Theory**. Oxford University Press, 1996.

CORSO, M. **A invasão zumbi: Zumbi, você ainda vai ser um... na melhor das hipóteses**. Disponível em: <http://www.marioedianacorso.com/a-invasao-zumbi>
Acesso em: 05 set. 2014.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. **Mil platôs** (volume I). São Paulo: editora 34, 2000.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.

_____. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1987.

GALEFFI, Dante Augusto. **O ser-sendo da filosofia – uma compreensão poemático-pedagógica para o fazer-aprender filosofia**. Salvador : EDUFBA 2001.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2005.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer. O que os doentes têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos próprios parentes**. São Paulo : Martins Fontes, 1996.

MÜLLER-GRANZOTTO, M. J. e MÜLLER-GRANZOTTO, R. L. **Clínicas gestálticas. Sentido ético, político e antropológico da teoria do self**. São Paulo: Summus, 2012.

PERLS, Fritz, HEFFERLINE, Ralfh e GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. SP: Summus, 1997.

OSWALD, Hans Peter. **Voodoo**. [S.l.]: BoD – Books on Demand, 2009.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1984.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo de contato. Temas básicos na abordagem gestáltica**. São Paulo: Summus, 1997.

STOEHR, Taylor. **Aqui, ahora y lo que viene. Paul Goodman y la psicoterapia Gestalt en tempos de crisis mundial**. Santiago, Chile: Quatro Vientos, 1999.

VINACOUR, Carlos Alberto. **Nuevos Aportes al Enfoque Gestaltico: Su Insercion en el Present y su Proyeccion Futura**. Apresentado no VI Congresso Internacional de Gestalt, Buenos Aires. 1995. Disponível em: <<http://www.gestaltsp.com.br>>
ZIZEC, Slavoj. **Vivendo no fim dos tempos**. São Paulo : Boitempo , 2012.

Endereço para correspondência:

Marcelo Silva de Souza Ribeiro

E-mail: mrribeiro27@gmail.com

Recebido em: 21/06/2014

Aprovado em: 20/10/2014

NOTAS

Prof. do Colegiado de Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco UNIVASF. Graduado em Psicologia. Especialista em Educação Especial (UFAL) e Educação a Distância (SENAC - AL).

Mestre em Educação (UQAC/UNEB) e Doutor em Educação (UQAC - CA).

Membro do Núcleo de Estudos e Práticas Sobre Infâncias e Educação Infantil - NUPIE

Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e

Representação Social – GEPPE- RS.

Editor responsável da Revista de Educação do Vale do São Francisco - REVASF